

QUEM TEM MEDO DE LOUIS ALTHUSSER?

*Carlos Henrique Escobar **

É necessário que se saiba, e mais do que isso que se diga, que a “Questão Althusser” não é dominante, entre nós, uma questão teórica, mas sobretudo uma questão política. E política não apenas no que concerne às tendências mais conseqüentes e menos conseqüentes na esquerda, mas também no que diz respeito ao poder intelectual entre setores da pequena burguesia.

Chamo a atenção para os começos dos estudos althusserianos no Brasil e na pronta e agressiva repulsa que lideranças intelectuais e universitárias e lideranças político-reformistas a isso demonstraram.

A reflexão de Althusser no interior do marxismo, com as delimitações teórico-conceituais do Materialismo Histórico e do Materialismo Dialético, com o rastreamento crítico dos desvios humanistas, historicista e economicistas, estava destinada a um significativo impacto intelectual e político em todo mundo. O ritmo impressionante de contraposição e de articulação da biografia intelectual de Marx-Engels e a estruturação paulatina da ciência da história servia nos livros de Althusser aos intelectuais e aos militantes políticos como um meio novo e vigoroso de escapar aos atravessamentos filosóficos reacionários, que os intelectuais da burguesia operavam no interior do marxismo. E foi particularmente por aí que ele serviu desde os anos 1960 como parte decisiva para que em toda parte o marxismo teórico e político se distinguisse daquilo que procuravam fazer passar como tal com explícitas intenções de sabotá-lo. Não nos cabe aqui, como já fizemos em outros trabalhos¹, classificar e avaliar as contribuições que os trabalhos de Althusser trouxeram para o universo intelectual e político de todos os marxistas. Basta lembrar os seus estudos de filosofia das ciências, do processo do conhecimento da filosofia “espontânea” dos cientistas, da dialética materialista, da crítica a Hegel, do conceito de história, do conceito de transição, de determinação em última instância, da ideologia e dos aparelhos ideológicos de Estado e mais recentemente, com Balibar, da defesa do leninismo ou, mais precisamente, da Ditadura do Proletariado no corpo dos objetivos

¹ “Resposta a Carpeaux: Estruturalismo” In *Revista Tempo Brasileiro*, nº15/16, 1969; *As ciências e a filosofia*, Ed. Imago, 1975; *Ciência da história e ideologia*, Ed. Graal, 1979.

de um Partido Comunista e da Revolução, para que se tenha um quadro referencial provisório da sua indiscutível importância. Esta obra de certa forma sucinta e até mesmo escrita pelo seu lado essencial, e então enxuta, municiaria em nível planetário os esforços por defender e fazer avançar o marxismo teórico. O que, ademais, não impediu que muitas vezes Althusser tenha, ele mesmo, voltado sobre os seus textos e armado críticas e autocríticas a certas características da sua obra, da mesma forma como, naturalmente, toda obra filosófica está sujeita a retificações.

Críticas e autocríticas que expressam a mobilidade do seu pensamento, que inserem em seu centro um militante preocupado com o significado político de sua obra e que também são precisas e significativamente pouco numerosas. Estas retificações teóricas que muitas vezes não são senão uma formulação, agora mais clara, dos seus pensamentos – como no caso do “corte”² – visam facilitar o entendimento, sobretudo em áreas teóricas-políticas, brutalizadas excessivamente pelo reformismo e pela ideologia universitária. Outras vezes são correções radicais e significam uma completa e taxativa crítica as posições assumidas anteriormente. Refiro-me, por exemplo, à Teoria com T maiúsculo, que recuperava no seio do marxismo a fantasia da Filosofia como Ciência das ciências, e que, no corpo destes questionamentos (mais recentes), tomou a forma de um posicionamento mais leninista e então político, ou seja, da filosofia como a “política no interior da teoria”. E Althusser diz se referindo aos seus trabalhos: “Eu queria defender o marxismo contra as ameaças reais da ideologia burguesa: seria necessário mostrar sua novidade revolucionária; seria, portanto necessário ‘provar’ que o marxismo é antagônico à ideologia burguesa, que só pôde-se desenvolver em Marx e no movimento operário sob a condição de uma *ruptura* radical e continuada com a ideologia burguesa, e de uma luta incessante contra os assaltos dessa ideologia. Esta tese era certa: ela é certa”³

O que é importante lembrar – e é até mesmo escandaloso – é que seus detratores têm encaminhado as suas “Críticas” somente na medida em que Althusser lhes indica os pontos questionáveis do seu próprio pensamento. A tática, a meu ver, desonesta, de simular uma crítica “original” nos lugares onde o próprio Althusser

² “Elementos de autocrítica”, 1972, diz Althusser: “O *corte* não é uma ilusão nem uma invenção pura e simples como afirma John Lewis. Lamento mas não cederei sobre este ponto. Já disse que há necessidade de interpretar o *corte* sem reduzi-lo mas vejamos como as coisas se passam...” in *Posições I*, p. 81.

³ *Posições I*, pág. 80, Ed. Graal.

reuiu seu pensamento sem mencionar estes seus próprios textos autocríticos, é habitual no Brasil, mas tem origem externa. Se Rancière, na França, consegue com certa inspiração foucaultiana⁴, levantar algumas questões a respeito de um outro ponto das reflexões de Althusser, já Badiou, por sua vez, não vai além de um certo estreitamento do pensamento de Mao, cujo objetivo é tão somente fazer passar como trabalho crítico àquilo que não tem outra forma que uma mostragem limite do marxismo esquemático⁵. No Brasil, esta crítica com um grande atraso não se bastou em repetir o que se dizia lá fora, na verdade, ela jamais chegou às formas de uma análise crítica respeitável do texto althusseriano. Em geral, ela é "en passant" e visa assegurar um poder intelectual local ou esvaziar preventivamente uma oposição política que se desenhava e que persiste nas suas formas de aproveitamento conseqüente dos trabalhos de Althusser.

Refiro-me aos anos que se seguiram ao golpe de 1964, quando o reformismo se tornou – tal como não podia deixar de ser – objeto de suspeitas políticas e críticas teóricas. Sua sustentação filosófica em um "marxismo" atravessado por "humanismos" de todas as ordens, por Lukács, por Garaudy, por Goldmann, e sua prática política de alianças com o inimigo de classe, de reboquismos, de subserviências, etc., sua liderança, enfim, burguês, pequeno-burguesa, seu autoritarismo interno e sua humilhante subordinação a um controle exterior, – ele mesmo equívoco e estalinista – ademais incapaz de fazer análises de nossa conjuntura, o tornava objeto de preocupações e investigações críticas de toda a nova esquerda que assumia as lutas contra a Ditadura já em seus começos.

Esta luta subterrânea, no seio das esquerdas, ela mesma contemporânea com as cisões no seio do PCB e com as formações de agrupamentos políticos que iriam liderar as lutas de massa de 1967, 1968 e 1969, e depois a luta armada, teve quase sempre no althusserianismo filosófico – em graus e importância variadas – seu esteio teórico e seu meio político.

É desta época a tradução e edição do *Pour Marx* no Brasil⁶, são desta época também meus artigos encaminhando os trabalhos do althusserianismo no marxismo *Um Marxismo com Marx* (Revista Tempo Brasileiro, 1966), *Resposta a Carpeaux*

⁴ Jaques Rancière, *La leçon d'Althusser*, Gallimard, 1974.

⁵ Alain Badiou, *Theorie de la contradiction*, Maspero, 1975.

⁶ Editado pela Zahar.

(Revista Tempo Brasileiro, 1968), o número coletivo sobre epistemologia, encaminhando o "corte" (editado pela Vozes, 1970) e quase uma dezena de traduções feitas, entre outras, para a editora Zahar, Tempo Brasileiro, Vozes, publicações internas de Universidades, etc. Em outro contexto, no seio efetivo da luta política, numerosos companheiros liam e estudavam Althusser. Ora, tudo isso foi permanentemente objeto de uma luta subterrânea, repleta de hostilidades, por parte dos donos, como se diz, do saber filosófico no seio do AIE universitário⁷ ou ainda do reformismo militante interessado em calar com sua máquina um discurso marxista conseqüente que o punha politicamente a nu.

Neste empenho crítico oportunista se empenhavam intelectuais dentro e fora da Universidade que nuançavam com diferentes tons uma esquerda tradicionalmente omissa, já entronada pela burguesia no "poder intelectual", todos eles ativos contribuintes dessa "frente" anti-althusseriana que paulatinamente ia se revelando uma frente bem menos interessada em filosofar que em defender seus prestígios ameaçados.

Mas seria de nossa parte parcialidade, se não lembrássemos na direita (na direita política) um empenho paralelo em combater, não apenas repressivamente mas ideologicamente também, o alcance que o pensamento de Althusser ganhava politicamente na prática das novas esquerdas. Faço apenas duas referências – pois as fontes críticas a Althusser aqui são numerosas – a primeira delas se refere a um livro do filósofo católico Tarcísio Padilha (nos começos dos anos 1970) que prevenia as autoridades a respeito do althusserianismo dos "terroristas" (expressão sua)⁸; e,

⁷ Aparelho Ideológico de Estado.

⁸ Trata-se do livro *Filosofia, ideologia e realidade brasileira* de 1971. Apesar de Tarcísio Padilha dar destaque ao pensamento de Althusser nesse livro (pp. 114-118), não há uma menção direta sobre a relação da teoria de Althusser com os grupos "terroristas" como afirma Escobar. Esse equívoco certamente se deveu por ser uma citação de memória. Contudo, isso não invalida a crítica de Escobar ao pensador ultraconservador, visto que em algumas passagens de sua obra, Padilha associa diretamente a influência dos professores universitários marxistas nas ações "subversivas" e na "dissolução da família" como pode-se perceber nos seguintes trechos desse livro que mostram a sua intolerância com o marxismo: "Diante da ameaça de tal porte, qual a atitude a adotar e quais as reais possibilidades do Poder Nacional? Está o povo brasileiro em condições de enfrentar com êxito a agressão totalitária, configurada na vastíssima literatura subversiva que domina o nosso parque editorial, na pregação nos meios universitários, no terrorismo e na aliança do marxismo com o marcusismo para dissolver a família? (...) Cuidamos às vezes em demasia de afastar pessoas de certas atividades e deixamos de atentar para o fato de que a literatura que domina nossas livrarias anestesia diariamente a população contra a divulgação da filosofia democrática promovendo inversamente um trabalho de fôlego em favor do totalitarismo comunista. (...) É dever do Estado e do cidadão prestigiar as instituições permanentes. A ninguém deve ocorrer a idéia de se lançar contra a Igreja, a Universidade, a Família, a Justiça, o Parlamento, pois ao proceder deste modo estaremos enfraquecendo a comunidade, retirando-lhe as pilstras de sustentação. É nosso dever, isto sim, expurgar das instituições aqueles dentre seus integrantes que conspiram contra as finalidades específicas da instituição. (...) Um professor marcusiano

em seguida, relembro um incidente testemunhado por companheiros presos no Doi-Codi do Rio de Janeiro. Perguntaram-nos se líamos Althusser e, caso tivéssemos lido, que livros eram esses. Esses interrogatórios foram feitos em diferentes ocasiões e a diferentes presos políticos do período.

Nesse trabalho persecutório do pensamento de Althusser procurou-se confundi-lo com o formalismo, com o teoricismo e sobretudo com o estruturalismo. Esse foi em parte um equívoco que a *Revista Civilização [Brasileira]* dos anos 1960 procurou criar. Se lembrarmos afinal que nem Foucault, nem Derrida, nem mesmo Lévi-Strauss hoje – que abandona o modelo lingüístico pelo modelo musical – podem ser chamados de “estruturalistas”, já nos damos conta do absurdo e da leviandade desta crítica a Althusser. No que diz respeito a esse autor, o estruturalismo de que o acusavam (e o acusam ainda hoje) parece concernir particularmente à temática da causalidade tão seguidamente discutida em seus livros.

Ora, quando Althusser se refere à “eficácia da causa ausente” que ele indica ser uma categoria “infinitamente” mais spinozista que estruturalista, ou o termo de “causalidade estrutural” (também spinozista) como a “imensa descoberta de Marx, ela pode – pela falta de avisos – lembrar certas ênfases daquele período nomeado filosoficamente de estruturalista”. A verdade, porém, é que Althusser se esforçava por liberar a dialética marxista o fantasma hegeliano e acrescentar a ela sua independência frente à idéia de Sujeito, de Origem e de Fim. E isso jamais significou confundi-la com o achatamento da estrutura pelo estruturalismo e de sua equívoca redução em “unidades últimas”. A estrutura a que o marxismo se refere não é apenas outra coisa que uma “estrutura”, isto é, um *processo*, mais do que o isso, *contradições* articuladas e desiguais. A filosofia tendencial do estruturalismo nas formas racionalistas, mecanicistas e combinatórias (etc.) jamais esteve presente nos textos althusserianos, mas para saber disso é necessário – como para tudo que diz respeito à identificação teórico-filosófica de um pensamento – que saibamos

está atentando contra o seu *munus* de educar. Está, ao contrário, retirando da juventude o seu maior capital – o idealismo. Deve por essa razão ser afastado. (...) Não é de estranhar-se que amanhã os jornais se rebelam contra a sociedade, se os seus mentores lhe instilaram na mente a revolta, o ódio ou, pelo menos, o desestímulo. Cada jovem terrorista tem em sua biografia professores ou livros subversivos. Autores, editores e professores são a matriz da subversão. É a liderança intelectual que ensaja a atmosfera subversiva (pp. 125, 126, 127, 203)” (Nota de LEM).

distinguir, por exemplo, aquilo que Marx quer dizer com “combinação” (Verbindung) e sua diferença com uma filosofia do “Combinatório” formal⁹.

A tentativa de se fazer um uso crítico destas questões usando a nossa falta de informação, procurando confundir-nos, foi a prática em combinado dos intelectuais universitários e dos reformistas. Mas é importante que hoje saibamos situar esse procedimento não apenas em cima de intelectuais determinados, mas sim nos espaços “institucionais” onde eles se encontravam. Refiro-me tanto ao aparelho escolar (e a Universidade), quanto à reforma como um aparelho político da burguesia internalizado dentro da esquerda. Neste sentido cabia – tal como ainda hoje cabe – esclarecer melhor o que é uma Universidade como parte do AIE escolar e qual o seu papel efetivo. Cabia e cabe, como já dissemos, precisar a função de classe deste aparelho, não apenas distribuindo os agentes sociais em classe, mas reafirmando a separação do trabalho intelectual e do trabalho manual, como parte desta distribuição dos agentes e como privilégio oferecido, sob condições à burguesia e pequeno burguesia escolarizada.

Os indícios dessa fidelidade, entre nós, desta pequena burguesia intelectualizada têm diversas formas. Por exemplo, já em 1968 quando as manifestações de massa ganhavam as praças no Brasil e a universidade ao nível dos estudantes se achava marcadamente engajada neste movimento, muitos dos professores intelectualizados vacilavam. Aliás, aqueles professores e entre eles exatamente alguns que se apresentavam como “marxistas”, agora se posicionavam pela defesa intransigente da universidade como uma instituição vivida por eles misteriosamente como *neutra* e então acima das classes. A fidelidade destes intelectuais instrumentalizada pelas obrigações que o sistema espera do AIE escolar deve, no entanto, ganhar outras sofisticções tais como aquelas de estabelecer intelectualmente e sob táticas diversas a luta ideológica em nome das classes dominantes. Seja assumindo as chamadas “ciências sociais” frente ao materialismo histórico, seja atravessando este último com Max Weber, ou então associando Marx com os funcionalistas ou qualquer outra escola do pensamento social burguês que, de uma maneira ou outra, signifique a despotencialização do marxismo.

⁹ Vide Etienne Balibar, in “Sur la dialectique historique” in *Cinq études du materialisme historique*, 1974, p. 204.

Se rastrearmos as universidades européias desde o começo do século, e em particular quando a luta de classe se intensifica, veremos a universidade em ação, isto é, veremos atuante um certo marxismo universitário, seja ele na forma de uma composição Marx e Kant, Marx e Hegel, seja na forma de um marxismo que se centra nas análises da superestrutura em separado (Adorno e seus companheiros) ou, pouco importa como, desde que seja e prove ser uma forma auxiliar da luta que o sistema eventualmente trave com as posições políticas e as organizações políticas das classes dominadas. Alemanha, França e Itália e, porque não, a América Latina, possuem seus expoentes deste marxismo da traição; ele mesmo parte de um jogo sujo da universidade, que a sua vez é parte fundamental do sistema contra o materialismo histórico e as formas ideológicas da luta dos trabalhadores.

No caso específico do Brasil e sobretudo nestes últimos anos - quando da "abertura" autorizada de cima para baixo - o marxismo universitário paulista com suas figuras notórias foi investido pelo sistema de tarefas bastante específicas. Isto é, ocupar o espaço ideológico e se tornar fonte das explicações e soluções políticas eventuais fazendo uso de seu prestígio e da posição favorável em que se encontrava por respeito aos estudantes e trabalhadores. Beneficiados pela grande imprensa - inclusive editoriais, onde estes mesmos intelectuais eram nomeados juntamente com as suas expressões habituais como sociedade civil, nação, estado e indivíduo, participação, liberdade democrático-burguesas, etc. - eles puderam imprimir, favoravelmente ao sistema, certa direção dentro das esquerdas, que significou transformá-las em um cabo eleitoral gigantesco de candidatos emedebistas¹⁰ ao mesmo tempo que influenciavam no campo da luta sindical com os temas da "unidade" e da "moderação", favorecendo e promovendo a ascensão, a postos de comando do peleguismo reformista.

Este movimento de alguma forma também é uma luta acirrada contra o pensamento de Althusser e, sobretudo, contra a forma conseqüente de sua inserção entre nós. É nesse sentido, aliás, que as questões - por um ângulo fundamental - do idealismo, do continuísmo epistemológico, do empirismo, das deformações humanistas, historicistas e economicistas do marxismo se secundarizam - ainda que de alguma forma articuladas - com o significado político dessa viscosa oposição àqueles que entre nós fazem algum uso do pensamento de Althusser, isto é, àqueles

¹⁰ Escobar refere-se ao MDB (Movimento Democrático Brasileiro) partido de oposição legitimado e reconhecido pela ditadura e extinto em 1979, tornando-se o PMDB.

entre nós que combatem as formas políticas e teóricas desviantes do marxismo-leninismo usando e também intervindo, se for o caso, criticamente nos materiais althusserianos.

Nesse sentido, um posicionamento militante aos textos, declarações e políticas de um Fernando Henrique Cardoso e de um [José] Arthur Giannotti são conjunturalmente importantes, para não lembrar aqui a legião de discípulos teóricos e políticos que estas duas figuras do oportunismo universitário granjearam. Os “pecados” do senhor A. Giannotti ultrapassam aquilo que chamaríamos os termos particulares de sua “química” teórica – ler Marx em Hegel e finalmente decretar a falência do marxismo – para se tornarem toda uma escola filosófico-epistemológica, onde o CEBRAP inteiro e departamentos inteiros da USP se inspiram. Recentemente – digo em meados de 1978 – Giannotti fez uma conferência na PUC do Rio de Janeiro, onde ele dizia que *O Capital* de Marx já não serve para nada, sobretudo não serve para a análise do capitalismo atual, visto que o mercado deixou de existir. Não é necessário entrar em considerações em torno das ilusões em que as novas formas de acumulação capitalista fizeram chegar Giannotti; o que nos interessa aqui é detectar a pressa com que ele – e centena de outros – vivem decretando a falência da análise marxista e a eternidade do capital. Ao lado disso, é bom que se diga que – conforme, ademais, foi dito então ao próprio Giannotti – sua exposição de Marx é feita, paradoxalmente, em termos de “essência” e “fenômeno” o que por um certo ângulo substancializa suas posições políticas notoriamente bolorentas e liberais.

Todos nós sabemos da história e da estruturação da Universidade do Brasil. Não nos cabe agora relembrar sua articulação com as providências que o Estado em estruturação (conforme a importância mesma da burguesia industrial na composição das burguesias que perfaziam o novo bloco no poder a partir de 30), significou e continua a significar como parte nos aparelhos escolares e culturais em formação. Não apenas São Paulo o deslocamento de capitais do campo para as tarefas concernentes à industrialização, ou sua especificidade frente aos outros estados na história econômica e política da década de 1930, mas o lugar da Universidade na sucessão de dispositivos encarregados de pensar por ela e de oferecer “modelos” econômicos e políticos, tais como o foram o ISEB, a Escola Superior de Guerra e tantos outros dispositivos historicamente identificados com as ideologias nacionalistas, populistas, desenvolvimentistas, etc. A conversão recente da

universidade brasileira - conforme sua *verdade* social burguesa - de meio de reprodução de classes e de eficácias técnico-ideológicas para ser hoje instrumento ainda mais precisado e inequívoco de "reinventar" formas conjunturais de reprodução político-ideológicas se depreende de numerosos testemunhos. O que não quer dizer que a Universidade seja, como dispositivo da burguesia, apenas o espaço físico universitário e não todas as formas de serviço "universitários", ou que a eles dizem respeito como são numerosas entidades de prestação de serviços concernentes à facilitação e intensificação da exploração do trabalho. Neste trabalho "universitário" estão engajados os intelectuais; neste trabalho eles estão ainda mais empenhados quando a "instituição" que os emprega tem explicitamente, a forma combinada de pensar por ela o mercado - aquele mesmo mercado que Giannotti afirma como do passado - e de acelerar as reflexões sobre as crises e as dificuldades por que passa a burguesia. Não nos interessa discorrer sobre os capitais que municiam estas "reflexões", que reproduzem esses quadros intelectuais universitários e para-universitários. Interessa-nos isso sim sublinhar que são particularmente esses os intelectuais - os do CEBRAP, p. ex., que mais furiosamente se opõem a que nossa juventude leia e discuta os textos de Althusser. Interessa-nos, é verdade, articular a tradição acadêmica destes intelectuais - mesmo, se, como é o caso, alguns deles tenham sido excluídos da Universidade na fase mais sombria da Ditadura - com a forma de suas posições e o significado dos seus papéis nestes momentos de certa reorganização do sistema.

Trata-se de algo que vai além das funções mais gerais da Universidade para se tornar a moeda mais recente e mais atual do sistema, seja no corpo dos trabalhos que figuram a luta ideológica - e antimarxista - seja no empenho de certo pragmatismo das reflexões que concernem à sociedade e isso já no espírito de um marcado taylorismo das análises do social, no corpo das preocupações e dos objetivos da exploração do trabalho e de reprodução das classes sociais.

Esta tarefa é inseparável dos efeitos de prestígio que a escolarização significa na pequena burguesia e uma prova humilhante disso se encontra nas pavonices, por exemplo, do senhor Fernando Henrique Cardoso, quando da entrevista à *Revista Status*¹¹ (*Só para homens*, diz a revista). Nesta entrevista, o entrevistador chama

¹¹ A *Revista Status* foi uma revista masculina editada na década de 1970, sendo lançada em agosto de 1974 pela Editora Três de Domingo Alzugaray, e dirigida pelo jornalista Múcio Borges da Fonseca, entre outros. A revista trazia além dos ensaios fotográficos com as grandes estrelas e atrizes da época, um

F.H.C. de “príncipe dos sociólogos”, designação imediatamente aceita pelo mesmo com o mesmo e incrível despudor com que seu patrono epistemológico (A. Giannotti) se autoneomeou o “mandarim da filosofia no Brasil”. Trata-se enfim, com tudo isso, de se manter o controle das análises de conjuntura, de engajar os intelectuais nestas tarefas, de ser para as esquerdas forjadas e burguesas – e para aquelas sem condição de a isso se oporem – o produtor destes “conhecimentos” e o inspirador de estratégias políticas. A “fábrica” da social-democracia, as palavras de ordem economicistas, as convocações e mobilizações funcionais, globais, não políticas, para as quais nada mais hostil que as questões concernentes à luta de classe, só podem ver na penetração dos trabalhos de Althusser entre nós um perigo radical que cabe evitar até mesmo com mentira, o silêncio e a perseguição. Mentira quando se procura dizer e se diz que Althusser é estruturalista, “teoricista” ou “deletério”; silêncio quando não se informa a fonte deste ou daquele conceito althusseriano de que nossos intelectuais se apropriam e não sem deixarem, de eles mesmos, criticarem em seguida Althusser. É perseguição enfim, já que as traduções de Althusser e os trabalhos nele inspirados nem sempre usufruem do reconhecimento que academicamente pretendem seus autores (quando universitários) ou se fazem e se realizam, vencendo obstáculos materiais e ideológicos que a eles se opõem. Mas de tudo isso a força e a significação do pensamento althusseriano vai se imprimindo entre nós e já tem como confirmada em todo mundo seu impacto indiscutível e sua penetração irrecusável.

A revista trimestral francesa *Dialectique* (n.ºs 15-16) dedica-se a coletar informações em todo mundo do impacto dos trabalhos, por exemplo, de Luís Crespo, que nos fala de “Louis Althusser” na Espanha. Grahame Lock escreve a respeito da penetração e do significado dos textos de Althusser na Inglaterra. A revista traz dezenas de outros testemunhos com autores do calibre de Christine Buci-Glucksmann, Regine Robin, Pierre Raymond, etc., todos explicitando a significação de seus trabalhos e a importância que têm tido para se combater os desvios teóricos e as equivocções políticas que procuraram ter-lhe impor as posições social-democráticas, economicistas, espontaneístas, estalinistas, etc.

elenco de colaboradores fixos entre os quais Paulo Francis, Daniel Más e Ignácio Loyla Brandão. Um de seus maiores “furos” jornalísticos da revista foi a publicação da entrevista do líder montonero Mário Eduardo Firminich concedida na clandestinidade ao jornalista Fernando Moraes em janeiro de 1981, nº78 (Nota de LEM).

Porém, é bom que se diga, que não se trata aqui de dizer ou encaminhar que Althusser em seus estudos diz a "verdade" sobre Marx e o marxismo. Isto é, não se trata de fazer dos seus textos e cursos um painel de "verdades" indiscutíveis, mas de permitir que seus textos sejam lidos e discutidos, e que a força de suas reflexões atue entre nós de forma crítica e combativa frente o marxismo universitário e o reformismo político. Ademais, é ele o primeiro a se voltar contra um uso dogmático dos seus escritos, e como já dissemos, são suas críticas e autocríticas que atravessam os seus textos recentes complexificando e clarificando seu pensamento.

Na *Resposta a John Lewis*, Althusser ironiza: "Agradeço a *Marxism Today* por ter publicado o artigo de John Lewis sobre meus ensaios de filosofia marxista, *Pour Marx e Lire Le Capital*" (1965).

Diante de todos os membros da família imobilizados e de seus confrades silenciosos, o doutor John Lewis inclinou-se sobre 'o caso Althusser'. Longamente. E apresentou o seu diagnóstico: o doente sofre de 'dogmatismo' agudo – uma variedade 'medieval'. O prognóstico é sombrio: "o doente não irá longe".¹²

Evidentemente, Althusser se diverte, o que em nada diminui o doutor John – notório a partir deste texto de Althusser – o que o torna objeto de uma cuidadosa explicação dos seus pressupostos teóricos.

Continua Althusser: "É uma honra para mim, mas é também a ocasião de me explicar, 12 anos depois. Meu primeiro artigo, que falava do 'Jovem Marx', data com efeito de 1960. Estamos agora em 1972."¹³ Época então da publicação de *Resposta a John Lewis*, porém estamos em 1979, isto é, 19 anos depois da publicação daquele seu primeiro artigo, e entre nós brasileiros a oposição a Althusser tem um sentido que ultrapassa estritamente a crítica teórica e ganha um significado de luta política de tendências. É esse, enfim, o propósito mesmo de Althusser, isto é, de ganhar um sentido político e militante antes que uma aceção intelectual da discussão dos seus trabalhos e do desdobramento mesmo do marxismo.

¹² *Posições I*, p. 15.

¹³ *Idem*, *ibidem*.

Aliás, a reedição do *Pour Marx* pela Editora Zahar (agora com o título *A Favor de Marx*)¹⁴ volta a nos mostrar as razões dominantes do trabalho teórico de Althusser. Refiro-me particularmente ao Prefácio, onde excepcionalmente – e num tom bem mais pessoal que sua autocrítica posterior – Althusser fala de seus motivos políticos para ele interferir como teórico no pensamento marxista em crise. Althusser deixa bem claro aí como seu posicionamento de teórico e pensador marxista resulta de uma situação política precisa e nela se justifica. E, achamos nós, isso é bem mais que a eventualidade de uma intervenção intelectual típica para ser um trabalho politicamente calculado que cabe a nós, conforme a tradição e a correção leninista, ampliar e radicalizar.

Observações:

1. O texto de Carlos Henrique Escobar está aqui reproduzido como foi publicado originalmente.
2. As notas são de Luiz Eduardo Motta (LEM), elaboradas especialmente para a presente edição.

* O autor do texto é Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

¹⁴ O título da primeira edição traduzida de *Pour Marx* foi *Análise crítica da teoria marxista*, um título de caráter dúbio aos olhos da censura da época (Nota de LEM).